FILIPA – Primeiros movimentos

Camila Guilera e Elisa Mendes

Apresentação

Quando deixei o porto de Tavira, levei comigo as águas que banharam a minha infância e me fizeram menina, mulher. E livre. Amante do mar, que é sempre movimento.

Bloco I - Uma carta

(Leitura de carta recebida).

Beijei teus pés. Beijei teus pés sujos de terra, teus pés molhados de água do rio. Fascínio: o arco profundo de teus pés, aquele espaço de pele que não toca o solo, permanece mistério. Fascínio: a barra úmida de teu vestido a pesar sobre teus calcanhares, colada sobre pele Beijaria tuas pegadas, beberia da água do rio para tentar sorver o prazer de quem te havia tocado antes de mim. Senti teu coração batendo, teu pulso acelerado entre a maciez fria de teu pé. Minhas mãos quentes, desesperadas, apavoradas por, enfim, tocar-te. E então, beijei teus pés. E foi como uma oração, como uma devoção - sentir meu peito contra a relva, tua pele contra minha boca. Teu gosto, a terra, o doce da água do rio e, nos instantes sublimes daquele encontro, sentir que beijava, enfim, o gosto profundo da vida.

(Escrita de carta)

Deitadas bem próximas, frente a frente e ainda vestidas. Ela de cabeça baixa a encostar no meu peito. Quando desci as mãos delicadamente nas suas costas, pude escutar um curto e suave gemido. Desci lentamente cheirando o seu colo de fresco floral, e com leve toque dos dedos entrei naquela pequena fresta da blusa. A minha língua encontrou o seu seio de bico quente e rijo. Poderia me demorar, os seus gemidos me pediam para ali permanecer. A porta sem trancas foi aberta lentamente e por aquela abertura, surge o pequeno animal. O gato, que miava sedento, era eu mesma. Despertei. Sabia quem era no sonho. A mulher que eu via passar, sempre cabisbaixa, e que raras vezes nossos olhares se encontraram por entre as suas longas mechas negras, volumosas.

O sonho me dizia sobre a sede do não vivido. Ela foi levada por seu dono para fora da capital.

Bloco II – Diante do algoz

O Monitório pregado na porta da Sé. Ninguém me contou: eu mesma li a lista de crimes que a Santa Mãe, Piedosa Igreja estava perseguindo. Para muitos aqui, a Visitação é a novidade da vez. Mas eu conheço a Inquisição. As sentenças são imprevisíveis. Já vi seus tribunais e suas fogueiras. Já senti o cheiro que toma a cidade quando arde um herege. E podem prender a qualquer um sem ao menos proferir acusação. Em perigo maior estaria uma costureira como eu, sem posses para negociar.

Fui ter com Maria Lourenço, me garantiu que não falou nada. Ana Pires jamais iria buscar o Santo Ofício. Maria Peralta está em Pernambuco, então, dela tampouco virá o risco.

A traição de Paula (O vestido)

Paula. O inquisidor disse o seu nome. Entre o nome e o sobrenome vivi uma eternidade. Me agarrei aos segundos da dúvida: ainda poderia não ser você. Há algumas Paulas na colônia… Mas o sobrenome foi o teu. Pior, de seu esposo. De Siqueira. Detestei essas duas palavras com todas as forças do meu ser enquanto sentia uma quase morte. Um torpor. As pálpebras pesaram e na boca um amargor sem fim. O seu nome, que doce e lentamente sussurrei em nossa cama, agora me atravessava cortante o peito.

O que fiz senão te amar, mulher?

Sua presença é ainda tão intensa! Não preciso fechar os olhos ou esperar o escuro da noite para sentir novamente o seu corpo pulsar engolindo os meus dedos, me puxando para dentro da sua carne macia.

O meu nome. Esse nome que você chamou. O meu nome, que você segredou, o nome que você gargalhou. Que você amou. O nome que você bebeu, o nome que você cantou. O meu nome que você sussurrou, o nome que você gemeu. Esse nome que você sorriu, e clamou, e adorou, e repetiu. O meu nome, que você sorveu. Que tragou. O meu nome, que ganhou graça, forma e vida na sua voz. O nome que você abraçou. O nome que te enlouqueceu. Este nome que você gritou, por quem você pediu. O meu nome. Que você embalou, que você suspirou.

Esse mesmo nome, foi o nome que você delatou.

A eles.

O meu nome.

Parecia mais um dia para disfarces e renúncia. Na porta entreaberta, em pequena fresta, tentávamos em vão nos evitar. Você sabia que não poderia me deixar entrar. Não teria volta. Ficamos em silêncio. Porta entreaberta. Era preciso não me deixar entrar. Havia funcionado até então. A porta foi fechada como sempre. Permaneci encostada, sentindo tudo o que do outro lado já me esperava há tempos. Os amantes são ágeis quando queimam de desejo. Você abriu a porta e assim que a porta fechou pude sentir a sua respiração a esquentar a minha face.

Não poderia ser você a me delatar. Você não.

Sobre eles já sei. Mas você, do que me acusa?

Não precisamos da ameaça de fogueira alguma. Mas isso precisa ser um segredo, porque eles não suportam ficar de fora e nos ver sorrir!

A queima

A covardia algumas vezes salva a pele. Foi o que fiz. Tive medo. Pensei na fogueira e tomei coragem para queimar o que era precioso, íntimo – o que me ligava a elas. O que poderia me incriminar.

Bloco III – Humilhação

A prisão

Assino meu nome, senhores. Pois sei ler e escrever. Perguntem à dona Paula, se duvidam, sobre todas as cartas que lhe escrevi de meu próprio punho.

(Recita mecanicamente o salmo penitencial. Sabe que não pode ser ouvida).

“Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado.” Ainda procuro o pecado. Como preciso repetir 33 vezes, em algum momento posso encontrá-lo. (Ri)

“Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado. Amém”

Não sou das missas. Nunca fui. Sempre como “força do hábito”. Um bom lugar para encontrar fregueses e me livrar da solidão que era a minha casa.

Açoite público

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, quatro de janeiro de mil quinhentos e noventa e dois.

“Condenam a Ré Filipa de Sousa que seja açoitada publicamente pelos lugares costumados desta cidade. E mandam que antes ela esteja na Sé, um domingo, enquanto se celebrar o ofício divino da missa, em corpo, em pé, com uma vela acesa na mão, onde lhe será publicada esta sentença.

E pague as custas”.

A parte mais branda da sentença foi orar e jejuar. (Seca) A humilhação de ser açoitada nas ruas da cidade, ter a pele queimada pelo chicote dos malditos, o pior.

Quando entrei naquela igreja, pensei em todas as mulheres que não amei, fazer feliz. E apenas por isso, pedi, intimamente em silêncio, perdão.

O auto da fé

E como eu poderia esquecer, o Auto da Fé! Entrei na igreja segurando uma vela longa, aguardando o momento mais esperado da missa. A minha vida seria exposta, revelados os supostos pecados e a minha sentença. Aí estavam: o senhor visitador e o Bispo, o governador e grande concurso de gente.

“Consta a dita Ré Filipa de Sousa pecar o horrendo e nefando crime de sodomia, pecado contra natura com muitas mulheres, assim casadas como solteiras, por muitas vezes, em diversos tempos e ela foi a provocadora. Consumando algumas vezes o dito pecado nefando como se fossem naturais, ajuntando ela, com as outras mulheres cúmplices, seus vasos dianteiros, e tendo suas deleitações abomináveis”.

E ela estava lá para me ver em meio aos curiosos de sempre. A pequena vila agora se ocupa de todos os assuntos sobre a vida de Filipa. Onde está o seu marido? Com quantas mulheres ela deitou? A igreja vai ficar com a casa?

Na minha caminhada para o altar cruzamos o olhar. Foi muito breve. Senti. Ela ainda me amava. E estava certa em continuar distante, como se nunca entre nós tivesse existido “conjunção carnal”. A covardia algumas vezes salva a pele. Foi o que fiz. Pensei na fogueira e aceitei de bom grado ser tratada como um animal pela misericordiosa igreja, Amém.

Naquela manhã, quando a vi parada à minha porta, não posso dizer que me surpreendi.

A voz chamando pela de casa e as palmas, não, não reconheci. Mas quando abri a porta… O rosto mais afogueado que o de costume, pela caminhada debaixo do sol, o vestido mais simples que o dos domingos.

Ela me falava, tropeçando nas palavras, contando rápido uma história enredada, cheia de explicações. De que soubera que eu trabalhava com a agulha e precisava de uma blusa nova para um batizado e dizia nomes de parentas que eu não conhecia e falava de um corte de linho que ganhara e que viera no último navio e enumerava datas e fazia perguntas. “Está com pressa?” perguntei. O não foi quase um sussurro. “Pois entre. Tenho uma panela no fogo”. Meu marido dormitava na sala. Cruzamos a casa em silêncio e reparei que não trazia peça de tecido, nem modelo, nem nada nas mãos. Mãos pequenas, bonitas, que seguravam uma à outra, apertadas na frente do corpo.

“Cheiro bom”, ela disse. Atravessávamos o corredor. “Goiaba. Gosta de doce?”. “E quem não gosta?”. Sorriu. Era sol de meio-dia. Com a porta aberta para os fundos, a cozinha era o quarto mais iluminado da casa. Convidei para que sentasse, se pudesse esperar um pouquinho. Enquanto mexia o tacho, sentia seu olhar nas minhas costas, me queimando a nuca… Em silêncio terminei. Em silêncio servi a nós duas. Em silêncio me sentei à sua frente e esperamos que esfriasse [brincadeira].

Durante semanas, meses, tinha olhado, de longe, aquela mulher. Durante todo esse tempo senti seus olhos sobre mim, me buscando a cada domingo de missa. Por duas vezes consegui entrar na fila da comunhão atrás dela, sentir o cheiro de seus cabelos, ver aqueles que escapavam do penteado…

Em silêncio começamos a comer. Sol de meio-dia, o cheiro de goiabada. Na minha frente, o doce vermelho contra o rosado de sua boca. Sorri. Sorriu.

“E a blusa, como vai querer?”. Perguntei e se me escapou o momento. Outra vez as palavras rápidas, as explicações, que não tinha um modelo, que como se faria então, se eu deveria tirar as medidas, que deveria passar ainda na casa de uma comadre. Se levantou de um impulso “Pra

semana eu volto”. E foi-se embora sem esperar, sem se despedir. O doce na tigela ainda por terminar, o calor sufocante do fim da manhã. “Pra semana”. Assim seja.

Bloco IV – O degredo

A sentença

“Condenam a Ré que vá degradada, para todo sempre, para fora desta Capitania da Bahia de Todos os Santos, na qual cometeu tão horrendos pecados, e nunca mais entre nela em todos os dias de sua vida”.

Todos os dias de minha vida.

Nunca mais voltar.

Eu já atravessei um oceano.

Já tive medo de morrer no mar,

Eu sigo.

Tudo que é em mim, segue.

Não deixar que nada morra: meu corpo, meus amores, meu desejo, todos os sabores que já provei.

Escolher as melhores vozes de silêncio sobre o que foi antes.

Eles não iam conseguir, não comigo.

Ardi, ardo. Sigo

A vela queimou-me a mão, assim como me queimaram a vergonha, a traição, o abandono

Minhas intimidades gravadas pela cidade.

Meu amor devassado na Sé.

Carrego as cicatrizes do acoite nas costas

As mãos ainda ardem

E sigo

Outros mares, nova vida.

Eu: inteira.

Filipa.